

APONTAMENTOS ACERCA DO GÊNERO FEMININO E SUA PRESENÇA NO FUTEBOL

Riqueldi Straub Lise¹
Priscila Manfron²
Liliana Herrera Melo Pereira³
Jackson Mosko⁴
Natasha Santos⁵
André Mendes Capraro⁶

RESUMO

Este texto tem como pretensão discutir e expor alguns aspectos acerca da participação da mulher em um universo considerado absolutamente masculino – o futebol.

Palavras-chaves: *futebol – masculinidade – gênero.*

INTRODUÇÃO

O futebol, desde sua origem, é um esporte dominado pelos homens. Culturalmente definido como masculino e masculinizante, a prática desta modalidade esportiva, raras exceções, quando realizada por mulheres, é vista de maneira preconceituosa pela sociedade (GOELLNER, 2005). Apesar de todas as conquistas do feminismo⁷ e transformações ocorridas nos últimos anos, a participação da mulher no mundo esportivo, especificamente no futebol, apresenta uma série de impedimentos.

Knijnik (2001), em artigo sobre a condição da mulher futebolista na atualidade, revela que o esporte feminino sempre esteve “preso”, historicamente, a estereótipos sociais. Nos primeiros anos do século XIX, as mulheres não apresentavam participação significativa no esporte, principalmente em eventos de grande porte. Pierre Coubertin – idealizador dos Jogos Olímpicos Modernos -, “(...) acreditava que a inserção das mulheres no esporte competitivo, em especial nas Olimpíadas, poderia vulgarizar esse ambiente recheado de honras e conquistas” (GOELLNER, 2005). Para ele as mulheres possuíam uma única tarefa: premiar o vencedor com uma coroa de flores, como era seu papel na Grécia Antiga (KNIJNIK, 2001). No depoimento direto do próprio Coubertin (1938 *apud* GOELNNER, 2005):

Technicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e allí não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vel-as obedecem preocupações de outra espécie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral. Se os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetáculo, não há razão alguma condena-los. Ver-se-á, o que delles resulta.

¹ Acadêmico da Universidade Positivo / GT Futebol & Sociedade-UFPR

² Graduada em Educação Física – UP / GT Futebol & Sociedade - UFPR

³ Graduada em Educação Física – UP / GT Futebol & Sociedade - UFPR

⁴ Acadêmico da Universidade Positivo / GT Futebol & Sociedade-UFPR

⁵ Acadêmico da Universidade Positivo / GT Futebol & Sociedade-UFPR

⁶ Doutor em História-UFPR / CEPELS-UFPR / CEMEDEF/UFPR / Universidade Positivo / GT Futebol & Sociedade-UFPR.

⁷ Na maioria dos países ocidentais, “os anos de 1930 e 1940 representam um período em que, formalmente, as reivindicações das mulheres haviam sido atendidas: podiam votar e ser votadas, ingressar nas instituições escolares e participar do mercado de trabalho” (ALVES & PINTANGUY, 2003, p. 49).

Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação física de seus filhos.

Subjacente a isso, naquela época, moças recatadas não podiam suar em público e fazer exercícios, uma vez que eram consideradas atividades essencialmente masculinas (LIMA, 2006). A sociedade extremamente conservadora para os padrões atuais condenava a prática esportiva, pois “(...) no contexto dessa cultura, a corporalidade feminina se definia em função da suposta missão das mulheres como reprodutoras” (ADELMAN, 2003).

Já na segunda metade do século XIX, no Brasil, notamos que as mulheres começaram a acompanhar seus maridos em eventos de turfe e remo. Essa participação como espectadora, concedendo às mulheres uma maior visibilidade, contribuiu para que, no final do século XIX, estas adquirissem seu espaço e participassem ativamente em competições de turfe, ciclismo e atletismo (GOELLNER, 1998, p. 155).

A INSERÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL

Sem desprezar a ideologia formada a partir de um discurso fisiológico que não aprovava a prática esportiva feminina, observamos como esta interferiu especificamente no processo de inserção da mulher no futebol. Desde que se tornou popular no Brasil, em 1920, obtendo a atenção das mulheres, houve uma inibição da presença das mesmas em sua prática, pois este era considerado um esporte violento e rude, não adequado ao cotidiano feminino, portanto, incompatível com a fragilidade e feminilidade. Como afirma Lessa (2003, p. 78) “(...) a prática esportiva feminina estava ligada ao critério da beleza das formas, da sutileza dos movimentos, da graça e de uma moda que correspondesse a uma estética corporal compatível, dada pelas normas e valores sociais”.

Na mesma época, na Europa, o futebol feminino seguiu um rumo diferente ao do praticado no Brasil, alcançando até certa popularidade. Franzini (2005) apresenta relatos de que na Inglaterra, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres começaram a assumir as funções de seus maridos, pois estes se encontravam nos campos de batalha. Dessa forma, organizaram equipes e jogos beneficentes, com o propósito de levantar fundos para os soldados. Com o fim da guerra, a atenção do público voltou-se à prática masculina novamente, e, deste modo, as mulheres voltaram a figurar nos campos e estádios apenas como apreciadoras. Já na França, as moças criaram suas próprias regras para o jogo e não entraram em conflito com os rapazes. Todavia, por volta de 1926, tiveram o mesmo destino das mulheres inglesas.

Em artigo sobre a história da mulher brasileira no futebol, encontramos que a primeira atuação feminina nessa modalidade foi como “(...) torcedora comportada e recatada nas arquibancadas” (SALLES, SILVA e COSTA, 1996, p. 258). Neste contexto, os autores apresentam o pensamento do comentarista esportivo e ex-técnico João Saldanha acerca da participação das mulheres no futebol e o avaliam no seguinte trecho:

João Saldanha afirma que a mulher não é dotada de condições biológicas para o exercício desta modalidade, pois este esporte apresenta-se em oposição a uma das características mais marcantes desta: a feminilidade. Idéias como esta, fizeram com que o estigma do futebol feminino viesse se

perpetuando até bem recentemente, marginalizando e inibindo a prática feminina no esporte sagrado dos homens brasileiros (SALLES, SILVA e COSTA, 1996, p. 258).

Como exemplo de restrição acerca da participação feminina no esporte, em 1941, observamos a restrição legislativa em relação ao processo de inserção da mulher. Durante o governo de Getúlio Vargas, houve uma proibição da atuação feminina em algumas modalidades desportivas. O Decreto-Lei 3.199, em seu artigo 54, relata que “(...) às mulheres não se permitirá à prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos (CND), instruiu as entidades desportivas no país a respeito da prática de esportes para as mulheres. Foi estabelecido que “(...) não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e beisebol” (CASTELLANI FILHO, 1994, pp. 61-63).

A participação da figura feminina nas modalidades até então proibidas, só foi permitida vários anos depois, em 1979, pelo CND⁸. A partir daí, surgiram vários times e alguns campeonatos de futebol feminino. No ano de 1981, foi criada a Liga Carioca de Futebol Feminino que contou com nove clubes inscritos, recebendo o apoio de vários radialistas. Estes, por sua vez, organizaram o primeiro campeonato de futebol de salão, cujo campeão foi o time do bairro do Leme, o *Radar* (BRUHNS, 2000, p. 75). Em relação à prática masculina neste esporte, nunca foi registrado qualquer tipo de proibição ou impedimento, diferente de como ocorreu com as mulheres.

Enquanto no Brasil e na Inglaterra o futebol é uma área reservada ao gênero masculino, nos Estados Unidos⁹ o futebol é um esporte predominantemente feminino (LESSA, 2003, p. 83). Este autor relata que na Europa e nos Estados Unidos, diferente do que ocorreu em países como o Brasil, as mulheres se mobilizaram para romper com a ideologia da fraqueza feminina e incompatibilidade de exercícios físicos com a reprodução, conquistando assim seu espaço nas atividades esportivas. Entretanto, isto não significa que a sociedade norte-americana seja menos machista, mesmo porque as mulheres não participam ativamente em alguns esportes – como o futebol americano ou o beisebol – e sim passivamente como líderes de torcida ou como namoradas dos jogadores (LESSA, 2003).

No entanto, apesar das dificuldades, a incorporação da mulher no futebol, seja como praticante ou espectadora, cresce cada vez mais e aponta para mudanças importantes na cultura de nossa sociedade. Um exemplo são as recentes conquistas da seleção brasileira de futebol feminino: a medalha de ouro nos jogos pan-americanos do Rio de Janeiro e o segundo lugar na Copa do Mundo na Alemanha. Juca Kfourri, discorrendo sobre o bom desempenho da seleção, afirma que “(...) a derrota do futebol masculino brasileiro no Pan, não tem a menor importância. (...) mas não há de ser nada: tem o time feminino para ver, e este tem valido a pena, mesmo sem apoio”.

A colocação acima demonstra que nos dias atuais o preconceito acerca das mulheres que praticam o futebol já não está tão presente como há décadas atrás. A própria imprensa explicita essa questão, como demonstrado pela surpreendente

⁸ Dados extraídos do *Atlas do Esporte*.

⁹ Lessa (2003) estima que, nos Estados Unidos, aproximadamente 10 milhões de mulheres praticam o futebol, em função do incentivo nas escolas e universidades. No entanto, se comparado a outros esportes, o futebol nos Estados Unidos é uma modalidade esportiva secundária.

repercussão das vitórias do time feminino do Brasil nos últimos anos, colocando em evidência que as mulheres têm habilidade e desempenho semelhantes ao dos homens.

RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE DO FUTEBOL

A partir de leituras acerca de gênero, percebemos que nos últimos anos, esta temática relacionada aos esportes, vem sendo regularmente questionada. Na definição de Funck (1995) (*apud* Rosa 2004, p. 70), o termo gênero:

É usado para designar o significado social, cultural e psicológico imposto sobre a identidade sexual biológica. É diferente de sexo (entendido como identidade biológica: macho/fêmea), e é diferente de sexualidade (entendida como a totalidade de orientação, preferência ou comportamento sexual de uma pessoa).

Compreende-se então, que os papéis de gênero não são determinados pelo sexo biológico. Isto significa que “(...) as características congênicas (sexo, raça, cor dos olhos, etc.) não devem limitar as possibilidades de vida, nem os direitos legais.” (PAULSON, 2002, p. 25).

As diferenças de gênero, construções sócio-culturais, se fazem presentes de maneira significativa no mundo esportivo. Este espaço, por ser culturalmente associado à masculinidade¹⁰, resulta na *crença da desigualdade*, como por exemplo, na dominação masculina e na inferioridade das mulheres (SABO, 2002, p. 35). Nas palavras do próprio autor:

Culturalmente, o esporte tem sido um terreno onde a masculinidade se comprova, uma “escola” na qual se aprende a valorizar o “ser homem” e a desvalorizar o “ser mulher”, um espaço cultural onde, muito freqüentemente, os meninos e os homens aprendem a se enaltecer desvalorizando os homens fisicamente mais fracos e as mulheres (SABO, 2002, p. 34).

No entanto, comparando os gêneros¹¹ masculino e feminino em relação a alguns esportes, percebemos que assim como o futebol é visto como masculino, existem modalidades consideradas femininas, como por exemplo, a ginástica olímpica e o nado sincronizado; sendo assim, os homens que praticam tais esportes são taxados de homossexuais e afeminados, tornando-se vítimas dos mesmos estigmas e estereótipos sofridos pelas mulheres que praticam o futebol.

Pode-se dizer então, que é a sociedade que define ou dita as características que devem fazer parte do universo dos gêneros (PAIM e STREY, 2007). Desde a infância, a família, a escola e a indústria de brinquedos reforçam a diferença entre eles: as meninas brincam de boneca e têm atitudes delicadas, e os meninos brincam com a bola e têm ações mais agressivas. Assim, como consequência, o homem deve fazer o papel de chefe: ser forte e viril; enquanto a mulher deve se apresentar como submissa e sensível

¹⁰ Para Donald Sabo (2002, p. 40), “(...) a masculinidade é, em grande parte, uma construção cultural baseada na história e nas políticas das relações de gênero e não na biologia, na química do cérebro ou na genética. As culturas patriarcais definem a masculinidade como um ideal, e, como tal, é um ideal não alcançável. Os esforços da maior parte dos homens para se conformarem ao ideal da masculinidade são como tentar subir uma montanha que não tem topo – eles lutam com determinação, mas nunca chegam”.

¹¹ Reiteramos que... “Os gêneros “masculino” e “feminino” são criações culturais e, como tal, são comportamentos aprendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções específicas e diversas” (ALVES & PINTANGUY, 2003, p. 49).

(SALLES, SILVA e COSTA, 1996, p. 259). Relacionando ao esporte, ser viril significa ser competitivo, dominador, agressivo, ter um fim como objetivo e ser fisicamente forte (SABO, 2002, p. 39). Esta é uma maneira como muitos atletas definem a masculinidade e a aplicam nas suas relações com o sexo oposto.

Ainda sobre essa questão, mulheres que apresentam características de ordem masculina são marginalizadas por outras mulheres e, muitas vezes, ignoradas e ridicularizadas por indivíduos do sexo oposto. A situação não muda quando os homens mostram características “femininas”, sendo estereotipados de homossexuais (PAULSON, 2002, p. 31). No universo esportivo, como mostra Gomes (2006), a sociedade impõe às mulheres desportistas a necessidade de apresentar uma imagem heterossexual, como também exige que os homens mostrem-se masculinos o tempo todo.

Nessa ótica, tomando como exemplo o futebol feminino, pelo fato das discriminações e estereotipações já serem comuns, as próprias jogadoras se acostumaram com a maneira como são tratadas. Comprovando tal fato, René Simões, que foi o técnico da seleção feminina de futebol vice-campeã em Atenas no ano de 2004, e é um dos grandes apoiadores do futebol feminino no país, descreve em seu livro a primeira impressão que teve de cada uma de suas jogadoras: “A expressão corporal de cada uma já dizia alguma coisa para nós: Formiga e seu tipo moleque...” (SIMÕES, 2007, p.11). Este é um caso de perfil já criado e comumente comentado pela sociedade.

Além das considerações citadas acima, existem outros tipos de preconceito contra a participação feminina no futebol. Como exemplo, temos o caso da auxiliar de arbitragem (popularmente chamada de bandeira) Ana Paula de Oliveira¹², que, no ano de 2007, em jogo da semifinal da Copa do Brasil, no Maracanã, entre Botafogo e Figueirense, foi escalada para atuar na partida. Nesta ocasião cometeu dois erros, anulando dois gols, que acabaram por eliminar o Botafogo da Copa. Após a derrota para o Figueirense, o dirigente alvinegro Carlos Augusto Montenegro mostrou-se revoltado com a assistente:

“Não acho que ela seja desqualificada, o que acho é que é totalmente despreparada. Dois erros seguidos? Não vejo mulher em Copa do Mundo. Não vi nenhuma na decisão da Liga Européia. Não vejo nas decisões mais importantes, mas colocaram uma mulher aqui, justamente contra o Botafogo. Ela assaltou o Botafogo em dois milhões e meio de reais, que seria quanto o clube ganharia por chegar à decisão. - reclama Montenegro. Agora ela vai para casa e vai dormir. Essa mulher não chega mais perto do Botafogo. Vou mandar mais um ofício para o doutor Edson Rezende (presidente da Comissão Nacional de Arbitragem). O correto seria tirá-la do futebol, porque não vejo mulher em jogo importante, só nos do Botafogo. – completa¹³”.

Em decorrência, Ana Paula foi suspensa pela Comissão Nacional de Arbitragem (CONAF) por três rodadas do Campeonato Brasileiro. Desse modo, Silvia Regina, outra árbitra de futebol, acredita que, se no jogo do Maracanã, a arbitragem fosse de uma mulher e um homem estivesse como bandeira, tudo seria diferente e a culpa seria colocada em quem estava com o apito. E comenta:

¹² Bandeirinha que faz parte do quadro da Fifa, figura incomum no universo masculino, tem oito anos de profissão.

¹³ Informações retiradas do site: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/0,,MUL41318-4399,00.html>.

Só falaram na assistente, pois era uma mulher. Se fosse um homem que tivesse feito o que a Ana fez e uma mulher estivesse como árbitra, a culpa seria colocada na árbitra. Existe muito preconceito com relação às mulheres no futebol.¹⁴

Podemos observar, a partir do caso relatado acima, uma questão que pode ser denominada “violência de gênero”. Como afirmam Paim e Strey (2007), é um tipo de violência que discrimina e estigmatiza as mulheres envolvidas com o futebol. Essa violência pode resultar em impedimentos e obstáculos a “(...) participação e progressão da atleta em qualquer terreno esportivo” (PAIM e STREY, 2007). Boschilia e Meurer (2006) relatam que mesmo em casos como este, repletos de restrições, preconceitos e imposições, as mulheres cada vez mais vêm ganhando espaço neste esporte. Para os autores:

“(…) percebe-se nos estádios brasileiros um número cada vez maior de mulheres que procuram eventos futebolísticos. Mais que isso, mesmo que timidamente, elas deixam as arquibancadas, abandonando o papel de meras espectadoras, e assumem funções específicas na realização e promoção de eventos, seja jogando, cobrindo jornalisticamente ou, como vem ocorrendo recentemente no Brasil, arbitrando partidas de futebol” (BOSCHILIA e MEURER, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da presença e das conquistas da mulher no futebol, sua participação ativa ainda é razão para inúmeros questionamentos. Dessa forma, elas seguem lutando para adquirir os mesmos direitos dos homens, superando as barreiras sociais e fisiológicas¹⁵ presentes neste esporte. A principal delas: o futebol no Brasil ainda é considerado um reduto masculino e tem, como maior exemplo de masculinidade, o exercício da violência física. Nesse caso, a disparidade entre a prática masculina e feminina é notória, pois são pouquíssimos os relatos de episódios violentos em partidas de mulheres.

Ressaltamos, assim, que o desenvolvimento do futebol feminino tem uma série de implicações próprias e dependentes da mudança de perspectiva que o povo brasileiro tem deste esporte, o que dificulta a chegada ao sucesso das mulheres, como há muito já ocorreu no caso masculino. Em países como Suécia, Suíça, Alemanha e EUA, o futebol feminino já é bastante popular, equiparando-se ao masculino tanto em estrutura quanto no interesse do público e do capital investido. Já no Brasil, a prática desse esporte pelas mulheres, apesar da evolução e subtração do preconceito de forma considerável, ainda é pouco aceita pela sociedade. Sendo assim, é impressionante que elas possam jogar no estádio do Maracanã com lotação máxima. Privilégio para poucos, que foi concretizado na final do Pan-Americano do Rio de Janeiro em 2007, na final contra a seleção americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹⁴ Informações retiradas do site: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/0,,MUL42329-4416,00.html>.

¹⁵ Em reportagem na Revista Veja, do dia 10 de outubro de 2007, encontramos um quadro comparativo de desempenho entre o jogador Ronaldinho e a jogadora Marta. Foram comparados: percentual de gordura, força de arrancada, altura máxima para cabecear e massa muscular. Em relação à massa muscular, apresentam 20 kg de diferença, 68 kg para ele e 48 kg para ela. Percentual de gordura, 11% para ele e 14% para ela. Força de arrancada, medida em watts, Marta apresenta 565 watts e Ronaldinho 757 watts. E a altura para cabecear, ela chega a 38,9 cm e ele em 46,5 cm.

ADELMAN, M. *Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina*. Revista Estudos Feministas. Vol. 11 Nº. 2. Florianópolis: jul/dez. 2003.

ALVES, B. M. & PITANGUY, J. *O que é feminismo?*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

BOSCHILIA, B. & MEURER, S. S. *Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa*. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - nº 97 - Junio de 2006.

BRUNHS, H. T. *Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

GOELLNER, S. V. *As mulheres e as práticas corporais e esportivas no início deste século: beleza, saúde e feminilidade*. In: Coletânea do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Rio de Janeiro, 1998.

_____. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. Revista Brasileira de Educação Física. Vol. 19. nº. 2. São Paulo: jun/2005.

GOMES, P. B. *Gênero e desporto: a construção de feminilidades e masculinidades*. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - nº 96 – Mayo de 2006. Acessado em 25 de outubro de 2006.

KNIJNIK, J. D. *Mulheres no esporte: uma nova roupa velha*. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 7 - nº 42 - Noviembre de 2001. Acessado em 25 de outubro de 2006.

LESSA, E. J. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, dez/2003.

LIMA, A. M. R. *A eugênização da raça brasileira pelo corpo feminino: a defesa da educação física para a mulher*. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital – Buenos Aires – Año 7 – nº 40 – Setiembre de 2001. Acessado em 25 de outubro de 2006.

PAIM, M. C. C. e STREY, M. N. *Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo*. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - nº 103 - Diciembre de 2006. Acessado em 10 de junho de 2007.

PAULSON, S. *Sexo e gênero através das culturas*. In: ADELMAN, M e SILVESTRIN, C. B. (orgs). Coletânea Gênero Plural. Curitiba: Editora UFPR, 2002.



1º ENCONTRO DA ALESDE
“Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”
UFPR - Curitiba - Paraná - Brasil
30, 31/10 e 01/11/2008

SALLES, J.G. C.; SILVA, M. C. P. e COSTA, M. M. *A mulher e o futebol – significados históricos*. In: Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

SIMÕES, R. *O dia em que as mulheres viraram a cabeça dos homens*. Rio de Janeiro: Editora Quality-Mark, 2007.